



## CULTURA ESCOLAR: RESSIGNIFICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Marcio Eleotério Cunha<sup>1</sup>/UEL

**Resumo:** Todos sistemas sociais, portanto, envolvem significação, mas nem todos eles são sistemas significantes ou culturais. A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes e práticas que constituem em o modo de vida de um grupo específico. Este estudo busca oferecer algumas possibilidades para interpretar a cultura escolar e suas ressignificações contemporâneas, e contribuir na formação crítica de professores. Para esse estudo foi utilizado o estudo bibliográfico de livros de domínio público e artigos disponíveis na internet. A história da cultura, seus referenciais teóricos, são fundamentais para refletir a respeito pela cultura que queremos ensinar na escola atual. Os avanços e as dificuldades encontradas no passado e permitir compreender melhor a evolução do currículo escolar e do papel do professor nesse processo.

**Palavras-chave:** Cultura escolar. História. Professor.

### 1.Introdução

Este estudo busca oferecer algumas possibilidades para interpretar a cultura escolar e suas ressignificações contemporâneas, e contribuir com a formação crítica de professores. Todos os sistemas sociais, portanto, envolvem significação, mas nem todos eles são sistemas significantes ou culturais. A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes e práticas que constituem em o modo de vida de um grupo específico.

Segundo Knechtel (2005), cultura é o termo genérico empregado para significar duas acepções diferentes, a saber: de um lado, o conjunto de costumes, crenças, hábitos e realizações de um povo numa determinada época histórica; e, de outro, tudo o que diz respeito às artes, à erudição e às demais manifestações mais sofisticadas do intelecto e da sensibilidade humana consideradas coletivamente.

---

<sup>1</sup> Docente do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina. Formação em Física e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina.

# Revista GepeVida 2018

---

A história da cultura ocidental nos revela que a educação sempre esteve intimamente ligada a teoria, produzida tanto no âmbito da filosofia quanto nas ciências gerais. A educação nunca deixou de referir-se a conteúdos teóricos, mesmo quando fazia deles uma utilização puramente ideológica. (REGO, 2013)

A cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas (Dominique, 2001).

Dominique (2001) descreve a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

No que tange à historiografia educacional, há aproximadamente dez anos, a categoria cultura escolar vem subsidiando as análises históricas e assumindo visibilidade na estruturação propriamente dita de eventos do campo (FILHO, L.; GONÇALVES, I.; VIDAL, D.; PAULILO, A.; 2004).

As aquisições humanas, no que se refere ao desenvolvimento sensorial e social, não se fixam sob a forma de herança biológica ou genética, mas sob a forma de objetos externos da cultura material e intelectual. De tal modo que cada nova geração nasce num mundo pleno de objetos criados pelas gerações precedentes, e nesses objetos estão acumuladas as qualidades humanas histórica e socialmente criadas e desenvolvidas (MELLO, SUELY 2007).

Nesse cenário está inserido o docente, tendo que compreender todo contexto sócio cultural da comunidade onde a escola está inserida. Integrar os saberes históricos culturais, favorece o docente a ampliar suas ferramentas para concretizar o conhecimento e motivar seus alunos a aprender. Para esse estudo foi utilizado o estudo bibliográfico de livros de domínio público e artigos disponíveis na internet.

## **2. Histórico escolar**

Se a cultura significa tudo que é humanamente construído ao invés de naturalmente dado, então isso deveria logicamente incluir a indústria assim como a mídia,

# Revista GepeVida 2018

---

formas de fazer patos de borracha assim como maneiras de fazer amor. A cultura é construtiva de outros processos sociais, em vez de meramente representa-los. Todos sistemas sociais, portanto, envolvem significação, mas nem todos eles são sistemas significantes ou culturais. A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes e práticas que constituem em o modo de vida de um grupo específico. A cultura é então tudo o que geneticamente não for transmissível. Por outro ponto de vista, a cultura é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos. Exemplo é que o críquete pode certamente ser parte da auto imagem de uma sociedade, mas não é uma representação dessa sociedade. Outra definição para teoria de cultura é o estudo das relações entre elementos de um modo de vida. Há nessa definição uma estrutura de sentimento, a inter-relação de elementos de um modo de vida, e simplesmente tudo, desde produção econômica e família até instituições políticas (EAGLETON, 2005).

A cultura de uma corporação, segundo Eagleton (2005), inclui sua regulamentação sobre licenças sobre saúde, mas não seu encanamento. Ela abrange aspectos dessa corporação que encarnam um modo de ver o mundo, mas não necessariamente um modo de ver singular. Na década de 1960 a cultura foi girando quase que exatamente o oposto, ela agora significa a afirmação de uma identidade específica, em vez da transcendência desta. A cultura passa a ser interpretada como domínio da subjetividade social, um domínio que é mais amplo do que a ideologia, porém mais estreito do que a sociedade, e também menos palpável que a economia porém mais tangível do que a teoria.

Eagleton (2005) conclui que há outro vínculo entre cultura e poder, sendo que nenhum poder político pode se manter satisfatoriamente por meio de pura e simples coerção. Para governar com sucesso é preciso conhecer os homens e mulheres no que diz respeito a seus desejos e aversões secretos. E nenhuma forma cognitiva mais apta em mapear as complexidades do coração do que a cultura artística. É assim que, no século XIX o romance realista tem uma fonte de conhecimento social incomparavelmente mais vívida e complexa do que qualquer sociologia positivista.

VIÑAO (1995) numerosos historiadores de psicologia tem compreendido equivocadamente o conceito dos estudos históricos. Para eles estudar a história é somente verificar os sucessos passados. E constroem uma barreira quase intransponível entre o estudo histórico e o estudo das formas de conduta atual. Estudar algo do ponto de vista histórico

# Revista GepeVida 2018

---

significa estudar em um processo de constantes trocas. Na investigação pode-se encontrar várias fases com o desenrolar do processo que permite trocas com grande valor para a pesquisa. Significa fundamentalmente descobrir a sua essência, sua natureza e que é única através do movimento pode o contexto mostrar o que realmente é. Assim o estudo histórico da conduta não é um processo auxiliar no estudo teórico, mais sim constitui uma verdadeira base.

A razão, para VIÑAO (1995), por uma concepção deste tipo se opõe tanto da teoria da educação como buscada de um conjunto sistemático de princípios e regras de índole imutável, é fundamental apontar desde a história do estudo da mente humana reside justamente na natureza como uma produção sócio histórica, na plasticidade neural do cérebro a historicidade da estrutura, disposição e funcionamento do papel na conformidade sócio histórica pelo predomínio de umas ou outras tecnologias. Estas transformações e variações dependem no modo exclusivo, das mudanças no uso dos modos e meios de comunicação. Todo meio de captar a realidade, de conservá-la, recuperá-la, transmiti-la ou recebê-la, toda mudança das tecnologias da conversação e da comunicação dão um sentido final, no uso dessa tecnologia, um sentido amplo que integra no material o imaterial, que abarca desde a linguagem oral até a visual. A mensagem não é redutível ao meio ambiente e vice-versa. Tampouco os modos de produzir, armazenar, transmitir e receber a informação podem ser explicados dos meios e suportes das tecnologias empregadas. Os meios condicionam, o que se diz, como se produz, preserva transmite e recebe; formas de interpretar a realidade, perceber, ordenar e expressá-la. Estes modos de promover ou impedir, facilitar ou dificultar, um ou os outros modos percepção, pensamento e estrutura do discurso, possibilitaria uma direção de tornar possível ou não uma ou as outras estratégias e disposições.

Aponta Pesavento (2008), que na história cultural há um conceito de representação que foi incorporado por Marcel e Émile Durkheim, no início do século XX. Esses autores estudaram as formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que propõe uma coesão do mundo. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. Pode-se dizer em termos gerais que a proposta da história Cultural seria, pois decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. A realidade do passado só chega ao historiador por meio

# Revista GepeVida 2018

---

de representações.

Há também um novo conceito, o imaginário, um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas construíram para si, dando sentido ao mundo. O imaginário entende como capacidade criadora do homem como atividade socialmente construída e também compartilha dessa postura Jacques Le Goff, que entende o imaginário com uma forma de realidade, com um regime de representações, tradução mental não recuperadora do real, tudo aquilo que o homem considera como sendo a realidade é o próprio imaginário. O real é sempre o referente da construção do imaginário do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. (Pesavento, 2008).

Para Pesavento (2008), entre aquilo que teve lugar um dia, em um tempo físico já transcorrido e irreversível, e o texto que conta o que aconteceu, há uma mediação, que realiza uma seleção dos dados disponíveis, que tece relações entre eles, que os dispõe em uma sequência dada e dá inteligibilidade ao texto. Mas mesmo assim um texto está sujeito à construção de múltiplos sentidos, por meio da leitura. O leitor reinventa, distorce, modifica um texto. Retrabalha o discurso, deslocando sentidos e atribuindo novos. Contudo, ao historiador restam mais dúvidas do que certezas, tanto na produção do seu texto quanto na recepção do mesmo. Dúvida que se estabeleceu com a crise dos paradigmas, quando se passou a pensar que tudo o que foi estabelecido até então poderia ser posto sob interrogação, e também faz pensar historiador quanto toma consciência que ele persegue o seu desejo de verdade, mas sabe que, afinal, tudo aquilo que hoje é contado de uma forma poderá ser contado amanhã de forma diferente.

De acordo com Chervel (1990), o termo disciplina nas primeiras décadas do século XX, traz uma larga corrente de pensamento pedagógico que se manifesta na segunda metade do século XX, em estreita ligação com a renovação das finalidades do ensino secundário e do ensino primário. O verbo disciplinar: sinônimo de ginástica intelectual, contribui para o desejo de agora em diante, 1870, disciplinar. Disciplinar a inteligência das crianças, isto constitui o objeto de uma ciência especial que se chama pedagogia. Uma disciplina é em qualquer tempo, um modo de disciplinar o espírito, lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte. A tarefa para os

# Revista GepeVida 2018

---

pedagogos consiste em arranjar os métodos de modo que os permitam que alunos assimilem o mais rápido e melhor a maior porção possível da ciência de referência e a escola passa a ser um lugar do conservadorismo, da inércia e da rotina.

Chervel (1990) comenta que a história das disciplinas pode desempenhar um papel importante para a história da educação e para a história cultural, pressupõe que o sistema escolar não forma somente indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar moldar, modificar a cultura da sociedade global. As finalidades mais sutis, de socialização do indivíduo no sentido amplo da aprendizagem da disciplina social, da ordem, do silêncio, da higiene, da polidez, dos comportamentos decentes são do início do século XIX. A realidade dos nossos sistemas educacionais nesse período não coloca os docentes, a não ser excepcionalmente, em contexto direto com o problema das relações entre finalidades e ensino. Os ensinamentos escolares tratam da atividade docente no âmbito de uma finalidade bem definida da liberdade teórica de criação. Não permite afirmar que um súbito melhoramento dos locais, do mobiliário e do material teria modificado substancialmente ou duravelmente as normas e as práticas do ensino. O único limite verdadeiro com o qual se depara a liberdade pedagógica do mestre é o grupo de alunos que ela encontra diante de si.

Assim Chervel (1990) apresenta considerações sobre os métodos de ensino praticados no século XIX, que grandes pensadores como Comênio ou Rousseau, ao penetrar na escola francesa neste período, ao serem adeptos do ensino intuitivo ou método intuitivo, preconizam que há necessidade de uma mistura harmoniosa com os procedimentos tradicionais. A tarefa primeira do historiador das disciplinas é estudar os conteúdos explícitos do ensino disciplinar. Se os conteúdos constituem o eixo central da disciplina ensinada, o exercício é a contrapartida quase indispensável e a inversão momentânea dos papéis entre o professor e o aluno constitui o elemento fundamental desse interminável diálogo de gerações que se opera no interior da escola. Assim a renovação pedagógica de 1880 proscree os exercícios passivos e dá preferência aos exercícios ativos. Conteúdos explícitos e baterias de exercícios constituem então o núcleo da disciplina. As práticas da motivação e da incitação ao estudo é uma constante na história dos ensinamentos, e os pedagogos sabem desde há séculos que a criança aprende tanto melhor a ler quanto mais ela tem o desejo de aprender. Rousseau já o havia dito. A história das práticas de motivação e de incitação ao estudo atravessa de lado a lado toda a história das disciplinas.

# Revista GepeVida 2018

---

A profissão de pedagogo não praticamente é cheia de perigos para o espírito daquele que a exerce e para os infelizes destinados a servir de cobaia para suas experiências. A disciplina escolar é então constituída por uma combinação, em proporções variáveis, os quais, em cada estado da disciplina, funcionam evidentemente em estreita colaboração do mesmo modo que um ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação, cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades. Sabe-se atualmente que aquilo que o aluno aprende não tem grande coisa a ver com o que o professor ensina e no aspecto sociológico quantitativo mais visível é o fracasso escolar mais ou menos expressiva da classe. O elitismo proclamado dos professores dos liceus e de alguns ministros foram marcantes para o fracasso escolar do século XIX (CHERVEL, 1990).

Constata-se todos os dias, segundo Chervel (1990), que os alunos sabem coisas que não lhe foram ensinadas, e que eles não sabem de outras coisas que se atribui, no entanto, ao seu aprender. Como os alunos aprendem é algo complexo e mal conhecidas, que o professor não sabe. Cabe a história das disciplinas escolares estudar a natureza exata dos conhecimentos adquiridos e, de um modo mais geral aculturação realizada pelo aluno no contexto escolar. Fruto de um diálogo secular entre os mestres e os alunos, elas constituem por assim dizer o código de duas gerações, elaboraram em conjunto para permitir a uma delas transmitir à outra uma cultura determinada.

Ninguém, segundo Forquin (1993), tem a visão de poder ensinar verdadeiramente, se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus próprios olhos. Todo questionamento ou toda crítica envolvendo a verdadeira natureza dos conteúdos ensinados, sua consistência, sua utilidade, seu interesse, seu valor educativo ou cultural, constitui para os professores um motivo privilegiado de inquieta reação. Compreende-se que, num mundo onde a ideia de cultura tende a se tornar ao mesmo tempo pletórica e inconsciente, a função de transmissão cultural da escola seja cada vez mais difícil de identificar e de ser assumida. Se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa como conhecimentos, crenças e hábitos, que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação.

A cultura para Forquin (1993), tem várias formas de defini-la, uma delas é a posse de um amplo leque de conhecimentos e de competências cognitivas gerais, um senso da

# Revista GepeVida 2018

---

profundidade temporal das realizações humanas e do poder de escapar do mero presente. Por outro lado no campo das ciências sociais cultura passa a ser um conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, aí compreendidos os mais cotidianos, os mais triviais ou os mais inconfessáveis. Quando fala-se dessa transmissão cultural da escola parece restringir a cultura diante das suas duas definições anteriores de cultura. Quando se fala de cultura da função de transmissão cultural da educação, torna-se essencialmente um patrimônio de conhecimentos e de competências, de valores e de símbolos, constituída ao longo das gerações, de modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo.

Forquin (1993) comenta que a educação é o conjunto dos processos e dos procedimentos que permitem á criança humana chegar ao estado de cultura e sendo o que distingue o homem do animal, é porque justamente o homem é um “ser de cultura” ao contrário da criança selvagem. Os seres humanos nascem num mundo que preexiste a eles, que não é naturalmente o seu, e no interior do qual se tem a responsabilidade absoluta de introduzi-los e de acolhê-los como os sucessores, são cegos enquanto não se lhes é dado ver o visível. O fato de aprender está inevitavelmente ligada ao passado, e o papel do educador supõe-se um imenso respeito pelo passado, é desta forma que nós deixaremos para nossos filhos sua chance de empreender qualquer coisa de novo. Cabe-nos a tarefa árdua de os preparar para a tarefa de renovar o mundo comum.

O empreendedorismo educativo é a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura. A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última, a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas a educação realiza a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana. A educação não transmite jamais a cultura, considerada como patrimônio simbólico unitário e imperiosamente coerente, ela transmite no máximo, algo da cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade (FORQUIN,1993).

A educação do tipo escolar, segundo Forquin (1993), a consciência de tudo que ela leva do passado não deve ser totalmente esquecido, mas a cada geração há renovação da pedagogia e dos programas, são partes inteiras da herança que desaparecem da memória escolar, e surgem novos conceitos, novos valores. Assim cabe a seleção da memória do

# Revista GepeVida 2018

---

docente manter uma parte da herança humana a salvo do esquecimento, e de geração a geração, o resto parece consagrado ao sepultamento definitivo. Reconhece que a escola não ensina senão uma parte extremamente restrita de tudo o que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade. O que é novo é a aceleração do ritmo das transformações. De dez em dez anos os homens são confrontados como um universo físico, intelectual e moral, que representam grandes transformações, de tal modo que as antigas interpretações não são mais suficientes. Portanto, a reflexão pedagógica contemporânea não poderia contornar a questão da modernidade nem se resignar em fazer a apologia da amnésia, pois só a visão prematura da modernidade pode nos fazer aderir ao mito do efêmero rejeitar, como fardo, nosso pertencimento à memória.

Já para Frago (1995), a mente tem alta plasticidade para o aprendizado e neste sentido, a mente é um produto social dos processos históricos e cognitivos - ou o que acontece dentro dela - são processos que podem ser estudados a partir de uma perspectiva histórica, através de seus produtos. O problema da evolução da mente não é uma questão de acompanhar o desenvolvimento de certos tipos de habilidades, capacidades, tendências e propensões dos organismos e determinar os elementos ou tipos de fatores que depende da existência de tais recursos. A base da contribuição a partir da história do estudo da mente humana reside precisamente na natureza deste último como um produto sócio histórico, na plasticidade neuronal do cérebro, isto é, a história da sua estrutura, instalação e operação, bem como o papel desempenhado. Ao permitir tais investigações da mente no campo do aprendizado, pressupõe um melhor conhecimento que permitirá a história da educação e a história dos processos de conformação da mente humana como processo histórico.

### **3. Considerações finais**

O conhecimento da cultura de modo geral não é simples pois ao usar um óculos que nos permita visualizar apenas uma parte ou uma foto do momento analisado, ou visto. Para ter a visão do todo, deve-se tomar cuidado para não generalizar. Neste trabalho pressupõe que não temos uma única e homogênea forma de definir cultura, mas no campo da cultura escolar, aproximam-se pontos de vista dos autores mencionados neste trabalho. Talvez o cuidado com os modismos no campo da pedagogia, como há, por exemplo, de tempos em tempos o

# Revista GepeVida 2018

---

aparecimento de teorias que são interpretadas pelos professores, em certas circunstâncias que solucionarão o problema educacional. Mas deve-se tomar muito cuidado para não deixar de lado ferramentas tradicionais que funcionam a muito tempo e continuam atuais. Como citado por Rosseau em que já comentava sobre motivação no ambiente escolar, ou seja, isso não é novidade, mas até os dias atuais, temos a percepção no cotidiano da vivência escolar, que uma boa parte dos professores não conhecem os estudos atuais de motivação para aprender. Logo permite concluir que, o docente ao estudar as pesquisas sobre motivação para aprender, poderão ajudar seus educandos e também adquirir conhecimentos que facilitam o uso de ferramentas adequadas para determinadas atividades no cotidiano escolar. Os docentes terão a possibilidade de concluir que é algo novo, o que de fato não é verdade apenas desconhecia o tema que faz parte de um contexto cultural. Diante do exemplo anterior o estudo histórico da cultura no ambiente escolar dará subsídios para o docente averiguar esse e outros exemplos, o que pode ser melhor, o que melhorou com o passar dos anos o que deve permanecer, e o que pode ser mudado numa perspectiva de procurar alternativas embasadas no conhecimento da cultura acadêmica atual.

Quando lança uma teoria no meio acadêmico cria-se vertentes. O que foi estudado não tem mais valor, a teoria estudada e mais aceita no momento nem sempre dará subsídios para solução de todos os problemas. Exemplo, é a teoria cartesiana liderada por Isaac Newton, que analisa os movimentos no mundo macroscópico e foi desbancada por uma teoria que explica melhor os movimentos microscópicos mas não tem a mesma eficiência para elucidar o mundo macroscópico. Dessa forma, as duas teorias podem sobreviver perfeitamente para situações diferentes, possibilitando um complemento uma da outra sem jamais ter a condição da teoria mais recente impugnar completamente a antiga. Há de contextualizar os momentos pertinentes para o uso adequado das teorias.

## Referências

CHERVEL, ANDRÉ. História das disciplinas escolares: reflexão sobre um campo de pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, UFRGS: V.2, 1990.

DOMINIQUE, JULIA. A cultura escolar como objetivo histórico. *Revista Brasileira de*

# Revista GepeVida 2018

---

História da Educação, n.1, Campinas, São Paulo, p. 9-43, 2001.

EAGLETON, TERRY. **A idéia de cultura**. Tradução de Sofia Rodrigues, Lisboa, 1ª edição, 2003.

FRAGO, Antonio Frago. Possibilidades, problemas, cuestiones. **Historia de la educación y historia cultural**, Campinas, n.0, p. 63-82, novembro 1995.

FORQUIN, JEAN-CLAUDE. **ESCOLA E CULTURA: as bases sociais epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 9-26, 1993.

FILHO, L.; GONÇALVES, I.; VIDAL, D.; PAULILO, A.; A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p-139-159, jan/abr 2004.

KNECHTEL, M. R. **Multiculturalismo e processos educacionais**. Curitiba: IBPEX, 2005.

MELLO, SUELY. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico cultural. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.25, n.1, p.83-104, jan/jun.2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1630/1371>, Acesso no dia 27/06/2018.

PESAVENTO, SANDRA J. **HISTÓRIA & HISTÓRIA CULTURAL**. Belo Horizonte, editora Autêntica, p. 39-62, 2008.

REGO, TEREZA. Vygotsky: Uma perspectiva histórico cultural da educação. Editora Vozes, Petrópolis-Rio de Janeiro, 2012.

*Recebido em julho de 2018.  
Aceito em dezembro de 2018.*